

Olhares Endógenos: Experiências do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC)

Endogenous Perspectives: Experiences of the Peasant Women's Movement (MMC)

Dayane Nascimento Sobreira^a 

MEZADRI, Adriana; CIMA, Justina Inês; TABORDA, Noeli Welter; GASPARETO, Sirlei Antoninha Kroth; COLLET, Zenaide (orgs.) (2020). *Feminismo Camponês Popular: reflexões a partir de experiências do Movimento de Mulheres Camponesas*. São Paulo: Outras Expressões/Expressão Popular. 189 p.

O livro “Feminismo Camponês Popular: reflexões a partir de experiências do Movimento de Mulheres Camponesas” é uma coletânea que reúne treze capítulos, além de Apresentação e Prefácio. As organizadoras dividem a coautoria de alguns artigos e, assim como as demais autoras, são militantes do Movimento de Mulheres Camponesas, o MMC. Os textos refletem debates caros ao Movimento e à sua história a partir de uma linguagem direta, reflexiva, com apoio na práxis do Movimento e, por que não dizer, em sua própria mística – tomando o conceito de mística como a própria experiência, como conceituam Mezadri et al (2020) no último capítulo.

Militantes do MMC, as autoras e organizadoras são também professoras, educadoras populares, agrônomas, técnicas em agroecologia, advogada, bióloga e algumas ainda graduandas. Juntas, tecem reflexões sobre as experiências do Movimento e de suas próprias histórias de militância e formação. É uma história que se constrói com elas, por elas e que conta com uma trajetória de mais de 30 anos.

O primeiro capítulo, “Movimento de Mulheres Camponesas: veredas de muitas histórias”, apresenta um histórico do MMC e suas ações na construção de uma identidade camponesa, popular e feminista. A partir da trajetória da Articulação

^a Mestra em História (UFPB); Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (UFBA), sob orientação da prof^a Dra. Lina Maria Brandão de Aras. Historiadora e cientista social, é integrante dos grupos de pesquisa ProjetAH – História das Mulheres, Gênero, Imagens, Sertões, e CIGE – Ciência, Gênero e Educação, além do GT de História Agrária da Bahia. É bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: dayanesobreira26@gmail.com

Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais (ANMTR), enquanto articulação de ações e movimentos regionais em âmbito nacional, o MMC foi fundado em 2004 enquanto um movimento autônomo.

O segundo capítulo, “A luta das mulheres camponesas: da invisibilidade para sujeitos de direitos”, traça o itinerário de desafios e conquistas das mulheres camponesas, como o reconhecimento da profissão de trabalhadora rural e o direito à documentação, seguridade social e educação. Essas lutas, de sementes bem mais antigas, foram intensificadas no processo de elaboração da Constituição Federal de 1988 e nos primeiros anos do governo Lula. Esse processo constante encampa lutas e o protagonismo do MMC no presente, sob a égide de uma conjuntura difícil, de ataques à retirada de direitos.

Já o terceiro capítulo, “Mulheres indígenas: em defesa do território e da identidade”, traz a resistência das camponesas indígenas contra as marcas históricas do colonialismo, do latifúndio e do estado capitalista. O artigo destaca o papel das mulheres indígenas na preservação de sementes e na defesa dos territórios. Em 2019, elas se organizaram para a realização da sua I Marcha Nacional, quando se encontraram e somaram forças à Marcha das Margaridas que é realizada a cada quatro anos em Brasília.

As Ligas Camponesas e o histórico dos movimentos sociais do campo são destacados no capítulo quatro, “As Ligas Camponesas e a luta que marca os movimentos organizados do campo”. A partir do método histórico, o artigo delineia a trajetória das Ligas Camponesas com foco nas duas principais delas: as de Pernambuco e Paraíba, que eternizaram líderes como Francisco Julião, João Pedro Teixeira e o protagonismo de mulheres como Elizabeth Teixeira e Ophélia Amorim.

O capítulo cinco, “Feminismo camponês e popular: uma abordagem antirracista”, traz uma abordagem que considera a existência de um “nó” entre o capitalismo, o patriarcado e o racismo (Saffioti, 2013), estruturas que se retroalimentam com fins de exploração e que afligem principalmente mulheres negras e pobres. Trazendo ao diálogo autores/as como Angela Davis, Abdias Nascimento, a própria Saffioti e Lélia Gonzalez, o texto menciona que sem esse debate “não poderíamos falar em feminismo camponês no MMC que encontra seus fundamentos na agricultura camponesa” (Almeida, Jesus, 2020, p. 85).

O capítulo “Agricultura camponesa e agronegócio: mulheres em resistência”, de número seis, entende o chamado *agrobusiness* enquanto “a face predadora da agricultura mercantilizada” (Lima, Pereira, 2020, p. 88), que se opõe ao modelo de agricultura camponesa e agroecológica, compreendida como ciência e como

modo de vida. Apesar das mulheres serem as mais afetadas por uma “política do agronegócio”, são também as suas maiores opositoras.

O capítulo seguinte, de número sete, intitulado “Sementes de resistência: caminhos para a produção de alimentos saudáveis”, apresenta a Campanha Sementes da Resistência na intenção de trazer o debate e a ação do Movimento sobre a conservação das sementes crioulas e a alimentação saudável.

O tema da alimentação saudável é abordado no capítulo “Alimentação saudável: somos o que comemos!”. Este capítulo destaca, a partir das memórias afetivas das autoras, referências de autossustento através de plantas alimentícias não convencionais, as PANCs, principalmente nas áreas mais pobres (as autoras trazem o exemplo do sertão de Alagoas). Atualmente, essas práticas ganharam ampla disseminação, levando a uma alimentação mais saudável, menos dependente das amarras do capitalismo e geradora de renda e autonomia para as mulheres camponesas.

O capítulo nove, “Divisão sexual do trabalho”, problematiza a dimensão do trabalho no cotidiano das mulheres camponesas no Brasil. A partir de estudos clássicos como o de Rose Muraro, Maria Ignez Paulilo e Friedrich Engels, o capítulo debate as dimensões do trabalho produtivo e reprodutivo e dos desafios de rompimentos dos ditos papéis de gênero. Com isso, problematiza as concepções e práticas que definem o trabalho das mulheres como não produtivo e, logo, desvalorizado, principalmente no campo em que é visto como ajuda. Uma ideologia em contradição com o fato de as mulheres trabalharem mais horas que os homens e com a dificuldade de separar a unidade familiar de produção.

Esse capítulo abre caminhos para o debate sobre “Economia feminista e as mulheres camponesas”; esta que remete a tudo o que as mulheres produzem, considerando-se as dimensões produtiva e reprodutiva num universo de múltiplas práticas e vivências, de diferentes “ruralidades”. O texto alerta para a necessidade de se visibilizar o trabalho das mulheres na produção de alimentos saudáveis e na geração de renda “invisível” nos núcleos familiares.

O capítulo onze, “Enfrentamento à violência contra a mulher”, denuncia a forte presença de violência contra a mulher no campo, que tem seu pivô não só no patriarcado, mas também no agronegócio. O trabalho aponta caminhos possíveis para a superação desse tipo de violência.

O capítulo doze, “Diversidade sexual e heterossexualidade: contribuições para o feminismo camponês e popular”, discute a diversidade sexual inserida numa ordem sexualizada que reproduz as diferenças de gêneros e discriminações da ordem sexual/identitária. O texto ressalta a importância desse debate nas pautas

de classe, embora aponte para os desafios e contradições encarados dentro dos espaços de luta e militância.

O último capítulo, “A mística feminista camponesa e popular no MMC”, com tons conclusivos (talvez pelo fato de o livro não apresentar um tópico para as considerações finais), conceitua o que seria a mística enquanto: 1) experiência; 2) sensação/sentimento; 3) expressão simbólica da/na luta. Metafórico, o capítulo sinaliza que a mística é a própria vida, é sabedoria e convicção, é o que nos impulsiona a nos mantermos firmes em tempos sombrios. Essa mística também está registrada em símbolos usados pelo Movimento, a citar: a bandeira, o chapéu de palha e a inspiração em lutadoras e mártires como Margarida Maria Alves e Loiva Lourdes Rüblich.

O livro é um dos poucos publicados no Brasil que trata acerca dos feminismos camponeses e segue ainda mais ousado, pois é escrito por mulheres que não negam as suas posições – aos moldes do que colocam as epistemologias feministas –, elas são antes de tudo militantes. Nesse sentido, o livro, de uma linguagem fácil, é uma reflexão das próprias histórias, experiências e práticas do MMC. Movimento este que emergiu e tomou corpo atuando no Sul do país e articula-se nacional e internacionalmente na luta por igualdade, justiça e liberdade. Ao longo do tempo, foi abrindo frestas no campo de produção de conhecimentos sobre os movimentos de mulheres rurais no âmbito das Ciências Sociais e das Humanidades, mas não só. É *locus* de reflexão da própria prática de mulheres em suas bases na busca de alternativas às estruturas sociais hegemônicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Itamara; JESUS, Cleidineide Pereira de (2020). “Feminismo camponês e popular: uma abordagem antirracista”. In: MEZADRI, Adriana; CIMA, Justina Inês; TABORDA, Noeli Welter; GASPARETO, Sirlei Antoninha Kroth; COLLET, Zenaide (orgs.). *Feminismo Camponês Popular: reflexões a partir de experiências do Movimento de Mulheres Camponesas*. São Paulo: Outras Expressões/Expressão Popular, p. 75-85.
- LIMA, Clara Regina Medeiros de; PEREIRA, Glaciene Vareiro (2020) “Agricultura camponesa e agronegócio: mulheres em resistência”. In: MEZADRI, Adriana; CIMA, Justina Inês; TABORDA, Noeli Welter; GASPARETO, Sirlei Antoninha Kroth; COLLET, Zenaide (orgs.). *Feminismo Camponês Popular: reflexões a partir de experiências do Movimento de Mulheres Camponesas*. São Paulo: Outras Expressões/Expressão Popular, p. 87-97.

- MEZADRI, Adriana Maria; CIMA, Justina Inês; GASPARETO, Sirlei Antoninha Kroth; PULGA, Vanderléia (2020) “A mística feminista camponesa e popular do MMC”. In: MEZADRI, Adriana; CIMA, Justina Inês; TABORDA, Noeli Welter; GASPARETO, Sirlei Antoninha Kroth; COLLET, Zenaide (orgs.). *Feminismo Camponês Popular: reflexões a partir de experiências do Movimento de Mulheres Camponesas*. São Paulo: Outras Expressões/Expressão Popular, p. 171-89.
- SAFFIOTI, Heleieth (2013). *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular.